

GÊNERO, TRABALHO REMOTO E TRABALHO REPRODUTIVO NÃO REMUNERADO NO BRASIL DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19¹

Lygia Sabbag Fares²
Ana Luíza Matos de Oliveira³
Lílian Nogueira Rolim⁴

1 INTRODUÇÃO

Um dos principais efeitos da pandemia no mundo do trabalho foi a generalização do trabalho remoto, mesmo que este não seja necessariamente um fenômeno novo (ILO, 2020). De fato, ampla literatura já discute os efeitos do trabalho remoto sobre trabalhadores e, em especial, trabalhadoras (Huws *et al.*, 1996; Lyttelton, Zang e Musick, no prelo). Trabalhar em casa pode aumentar o tempo total de trabalho pago e reprodutivo (não pago) das mulheres, e muitas vezes esses tempos de trabalho se interpõem. Com a generalização do trabalho remoto em função da pandemia, a ligação entre trabalho remoto, trabalho reprodutivo não remunerado e desigualdade de gênero torna-se ainda mais relevante, principalmente considerando que tais relações tendem a contribuir para o agravamento das diversas formas de desigualdades resultantes dos impactos econômicos e sociais da pandemia (Oliveira e Emídio, 2021). Nesse sentido, este texto tem como foco o impacto do trabalho remoto no Brasil durante o distanciamento social imposto pela pandemia de covid-19, sob uma perspectiva de gênero.

O distanciamento social e o aumento do trabalho não remunerado relacionado ao trabalho remoto afetam uma sociedade já marcada por significativas desigualdades de gênero. As estatísticas nacionais mostram que, em 2019, as mulheres dedicavam 21,4 horas semanais em média ao trabalho reprodutivo não remunerado, enquanto os homens gastavam onze horas semanais (IBGE, 2020). Ser a principal responsável pelo trabalho reprodutivo traz numerosas e duradouras implicações para as mulheres, como a redução do tempo disponível para trabalho remunerado e várias experiências de discriminação no mercado de trabalho. Somando-se a esse contexto, a pandemia de covid-19 aumentou o trabalho reprodutivo não remunerado, pois o distanciamento social impôs o fechamento de locais de trabalho, escolas, restaurantes e serviços governamentais que auxiliam na reprodução da força de trabalho. Cabe, então, questionar como esse aumento do trabalho reprodutivo não remunerado foi dividido entre os sexos: se, por um lado, esta poderia configurar-se como oportunidade para questionamento dos tradicionais papéis atribuídos a cada gênero, uma vez que homens e mulheres estão mais presentes no espaço doméstico, por outro lado, o aumento do trabalho doméstico poderia

1. DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/bmt72/nt2>

2. Professora no Brooklyn Institute for Social Research, Estados Unidos. *E-mail*: <lysabbag@gmail.com>.

3. Professora visitante na Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), Brasil. *E-mail*: <almatosdeoliveira@gmail.com>.

4. Doutoranda em economia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil. *E-mail*: <lilian.rolim@gmail.com>.

sobrecarregar ainda mais as mulheres, que tendem a ser as principais responsáveis por tal atividade, e, conseqüentemente, haveria piora na desigualdade de gênero.

Para analisar tais questões, o artigo discute a divisão sexual do trabalho na sociedade brasileira e as consequências do trabalho remoto para as mulheres. A partir de dados de um questionário respondido por 455 pessoas durante o distanciamento social no Brasil, entre 26 de maio de 2020 e 15 de junho de 2020, verifica-se como se deu a divisão entre os gêneros para os que fizeram trabalho remoto – contrastando-os com aqueles que não fizeram trabalho remoto –, buscando-se retomar e estender a análise de Fares, Oliveira e Rolim (2021).

2 HISTÓRICO

Neste artigo, o conceito de gênero é definido como uma relação social e cultural entre os sexos. Assim, a divisão sexual do trabalho relega as funções de cuidado e trabalho doméstico – remunerado ou não – às mulheres. No Brasil, em que a oferta pública de serviços de reprodução social é baixa, o trabalho não remunerado que as mulheres realizam em casa é ainda mais fundamental, embora não seja socialmente valorizado. Além disso, os empregos remunerados em ramos ligados à reprodução social – como saúde e educação – são ramos tipicamente femininos e associados a salários baixos (Folbre, 2006).

Os salários menores para as mulheres brasileiras (Baltar, Rolim e Leone, 2020) estão combinados, em alguns casos, com menores jornadas de trabalho e empregos mais precários. Medidas de flexibilização do trabalho teoricamente dariam-lhes a possibilidade de conciliar trabalho produtivo e reprodutivo, mas, na maioria dos casos, significam apenas mais trabalho para as mulheres (Oliveira, 2013; Gibb, 2017). Por sua vez, o alto custo de oportunidade resultante da baixa remuneração do trabalho produtivo das mulheres contribui para manter parte delas fora do mercado de trabalho.

Partindo dessa estrutura desigual, a pandemia de covid-19 alterou o mundo do trabalho de várias maneiras. Uma destas foi o aumento do trabalho doméstico, uma vez que o distanciamento social impôs o fechamento de locais de trabalho, escolas, restaurantes e serviços governamentais que auxiliam na reprodução social. Nesse cenário, alguns trabalhadores foram autorizados a realizar trabalhos remotos, mas enfrentaram aumento no trabalho doméstico. A Organização Internacional do Trabalho – OIT (ILO, 2020) afirma que, em circunstâncias normais (não pandêmicas), o trabalho remoto pode colocar as mulheres em desvantagem, uma vez que, normalmente, elas têm de arcar com a assistência aos filhos e as tarefas domésticas concomitantemente a um emprego remunerado; também pode, alternativamente, ajudar a facilitar o equilíbrio entre vida pessoal e profissional.

Durante a pandemia, o trabalho remoto foi opção apenas para alguns trabalhadores mais qualificados no setor de serviços/indústria, cuja ocupação permitia que seu trabalho fosse realizado em casa, e que possuíam os meios e as habilidades para usar tecnologia para realizar seu trabalho.⁵ A OIT (ILO, 2020) estimou que aproximadamente uma em cada seis ocupações pode ser feita em casa no nível global e pouco mais de uma em cada quatro em países avançados.

5. Sobre aspectos determinantes do trabalho remoto em meio à pandemia no Brasil, ver Ipea (2021).

No Brasil, em 2017, menos de 20% da população tinha acesso à conexão de internet banda larga (Cepal, 2020). Nesse sentido, a população investigada neste estudo (brasileiros em trabalho remoto) é, de certa forma, privilegiada por estar entre aqueles que conseguiram proteger-se e proteger suas famílias mantendo sua ocupação. De qualquer forma, o estudo desse grupo e a comparação com aqueles que não puderam fazer trabalho remoto durante a pandemia – por motivos diversos – evidenciam efeitos importantes que o trabalho remoto pode ter nos trabalhadores em geral e, mais especificamente, nas mulheres, além de elucidar os benefícios e os riscos potenciais caso o trabalho remoto torne-se uma prática adotada mais amplamente.

Nossa busca na *Web of Science* não encontrou estudos sobre o tema com foco específico no Brasil. Entre os trabalhos que analisam outros países, Manzo e Minello (2020), Nash e Churchill (2020) e Van Eck e Jammaers (2020) constatam um aprofundamento da desigualdade na divisão sexual do trabalho no lar em regimes de trabalho remoto durante a pandemia de covid-19. Por sua vez, Raišienė *et al.* (2020) argumentam que o trabalho remoto e a mistura da vida pessoal e profissional desafiam os papéis masculinos tradicionais na Lituânia.

3 ANÁLISE DOS DADOS

O artigo analisa dados de um questionário aplicado durante parte do período de distanciamento social no Brasil, entre 26 de maio de 2020 e 15 de junho de 2020, por meio da técnica de “bola de neve” (Alloatti, 2014). No período da coleta de dados, o Brasil encontrava-se sob diversos tipos de restrições associadas à pandemia, a maioria tomada pelas administrações estaduais e municipais. Ao todo, cerca de 8,8 milhões de pessoas estavam trabalhando remotamente no Brasil quando o questionário circulou.⁶

O questionário foi respondido por 288 (63,3%) mulheres e 167 (36,7%) homens. Além disso, 346 (76,0%) entrevistados declararam-se brancos, 99 (21,8%), negros, 8 (1,8%), asiáticos e 2 (0,4%), indígenas. Em relação à faixa etária, 104 (22,9%) respondentes tinham entre 18 e 29 anos, 237 (52,1%), entre 30 e 49, 107 (23,5%), entre 50 e 69 e 7 (1,5%), entre 70 e 79. A maioria dos respondentes residia em três estados: 237 (52,1%) em São Paulo, 69 (15,2%) em Minas Gerais e 46 (10,1%) no Rio de Janeiro. Os 103 (22,6%) restantes residiam em dezessete estados e no Distrito Federal (DF). No que concerne à situação de emprego antes da pandemia, 370 entrevistados (81,3%) estavam trabalhando (empregados, empregadores, trabalho autônomo ou estágio), 36 (7,9%) não trabalhavam ou eram estudantes, 25 (5,5%) eram aposentados e 24 (5,3%) estavam desempregados.

Ainda que a ampla maioria dos respondentes tenha declarado realizar algum grau de distanciamento social (453 participantes ou 99,6%), a situação em relação ao trabalho remoto era diversa. A maior parte dos respondentes declarou ter realizado pelo menos um período de trabalho remoto após o início da pandemia (348 entrevistados, equivalente a 76,5%). Enquanto 74,0% (213) das mulheres afirmaram realizar algum tipo de trabalho remoto, 80,8% (135) dos homens também declararam isto. Cabe mencionar que 96 (21,1%) entrevistados fizeram pelo

6. Disponível em: <<https://covid19.ibge.gov.br>>.

menos um período de trabalho presencial durante a pandemia, sendo 57 (19,8%) mulheres e 39 (23,4%) homens. Assim, uma porcentagem maior de homens declarou fazer pelo menos um período de trabalho presencial, enquanto também uma porcentagem maior de homens afirmou estar no trabalho remoto; portanto, uma combinação de trabalho presencial e remoto foi mais relevante para os homens que para as mulheres. De fato, os dados indicam que 28 (9,7%) mulheres exerciam os dois tipos de trabalho, enquanto 27 (16,2%) homens faziam isto.

3.1 Trabalho remoto e trabalho doméstico e de cuidados

Os dados da tabela 1 indicam a existência de alguns padrões relacionados com o sexo e o tipo de trabalho (remoto ou não remoto). Há um contraste entre os que faziam trabalho remoto e declararam aumento no trabalho doméstico (79,9%) e aqueles que não faziam nenhum tipo de trabalho remoto e afirmaram o mesmo (68,2%). Em outras palavras, aqueles sob algum tipo de regime de trabalho remoto relataram aumento no trabalho doméstico mais frequentemente que os demais. Em termos de gênero, considerando-se todos os participantes, 228 (79,2%) mulheres e 123 (73,7%) homens declararam que o trabalho doméstico aumentou com a pandemia. Como esperado, independentemente do gênero, mais pessoas que realizavam trabalho remoto afirmaram que houve aumento do trabalho doméstico: 175 (82,2%) mulheres e 103 (76,3%) homens que realizavam trabalho remoto, enquanto 53 (70,7%) mulheres e 20 (62,5%) homens que não faziam trabalho remoto observaram que o trabalho doméstico também aumentou. O contraste semelhante na comparação dos tipos de trabalho para cada gênero sugere que o trabalho remoto teve impacto parecido para ambos os sexos, embora as mulheres declarem com mais frequência do que os homens um aumento no trabalho doméstico em cada grupo.

TABELA 1

Respostas à pergunta “Sobre a *quantidade* de tempo empregado em trabalhos domésticos, em comparação ao período pré-isolamento social”

Condição de trabalho e sexo	Aumentou	Diminuiu	Não mudou	Não se aplica	Total
Fez trabalho remoto	278 (79,9%)	4 (1,1%)	63 (18,1%)	3 (0,9%)	348 (100%)
Mulheres	175 (82,2%)	2 (0,9%)	35 (16,4%)	1 (0,5%)	213 (100%)
Homens	103 (76,3%)	2 (1,5%)	28 (20,7%)	2 (1,5%)	135 (100%)
Não fez trabalho remoto	73 (68,2%)	6 (5,6%)	25 (23,4%)	3 (2,8%)	107 (100%)
Mulheres	53 (70,7%)	5 (6,7%)	16 (21,3%)	1 (1,3%)	75 (100%)
Homens	20 (62,5%)	1 (3,1%)	9 (28,1%)	2 (6,3%)	32 (100%)
Total	351 (77,1%)	10 (2,2%)	88 (19,3%)	6 (1,3%)	455 (100%)

Elaboração das autoras.

Considerando-se atividades domésticas específicas, o tipo de trabalho doméstico que mais cresceu foi higienização de compras, lavagem de louça, limpeza e cozinha, conforme aponta a tabela 2. É importante ressaltar que um percentual maior de pessoas engajadas em trabalho remoto do que aquelas que não realizavam esse tipo de trabalho relatou um aumento no tempo dedicado a cada tipo de trabalho doméstico – com exceção da higienização de compras

e atividade de passar roupas. Assim, a maior diferença entre os grupos deu-se nas atividades de lavar louça, cozinhar, fazer compras, limpar a casa e lavar roupa.

Tal como acontece com o tempo total dedicado ao trabalho doméstico, percentagem maior de mulheres que de homens declarou aumento do tempo dedicado a cada tipo de trabalho doméstico. Esse padrão também foi observado na comparação de gênero em cada categoria (trabalho remoto ou sem trabalho remoto), ainda que haja algumas diferenças nos dados para cada categoria de acordo com cada atividade, conforme a tabela 2.

TABELA 2
Respostas à pergunta “Sobre a *quantidade* de tempo empregado em trabalhos domésticos, em comparação ao período pré-isolamento social” – por atividade

Atividade	Respondentes	Mudança no tempo gasto na atividade			
		Aumentou	Diminuiu	Não mudou	Não se aplica
Lavar louça	Mulheres (RT) ¹	171 (80,3%)	8 (3,8%)	34 (16%)	0 (0%)
	Homens (RT)	103 (76,3%)	1 (0,7%)	29 (21,5%)	2 (1,5%)
	Mulheres (NRT) ²	49 (65,3%)	2 (2,7%)	22 (29,3%)	2 (2,7%)
	Homens (NRT)	19 (59,4%)	0 (0%)	11 (34,4%)	2 (6,3%)
Cozinhar	Mulheres (RT)	164 (77%)	7 (3,3%)	35 (16,4%)	7 (3,3%)
	Homens (RT)	89 (65,9%)	2 (1,5%)	28 (20,7%)	16 (11,9%)
	Mulheres (NRT)	48 (64%)	4 (5,3%)	22 (29,3%)	1 (1,3%)
	Homens (NRT)	19 (59,4%)	1 (3,1%)	9 (28,1%)	3 (9,4%)
Higienizar alimentos	Mulheres (RT)	185 (86,9%)	0 (0%)	22 (10,3%)	6 (2,8%)
	Homens (RT)	106 (78,5%)	1 (0,7%)	21 (15,6%)	7 (5,2%)
	Mulheres (NRT)	63 (84%)	1 (1,3%)	10 (13,3%)	1 (1,3%)
	Homens (NRT)	25 (78,1%)	0 (0%)	5 (15,6%)	2 (6,3%)
Comprar mantimentos	Mulheres (RT)	137 (64,3%)	23 (10,8%)	53 (24,9%)	0 (0%)
	Homens (RT)	73 (54,1%)	18 (13,3%)	40 (29,6%)	4 (3%)
	Mulheres (NRT)	34 (45,3%)	10 (13,3%)	28 (37,3%)	3 (4%)
	Homens (NRT)	17 (53,1%)	3 (9,4%)	10 (31,3%)	2 (6,3%)
Limpar a casa	Mulheres (RT)	165 (77,5%)	3 (1,4%)	43 (20,2%)	2 (0,9%)
	Homens (RT)	101 (74,8%)	3 (2,2%)	25 (18,5%)	6 (4,4%)
	Mulheres (NRT)	54 (72%)	3 (4%)	17 (22,7%)	1 (1,3%)
	Homens (NRT)	17 (53,1%)	1 (3,1%)	12 (37,5%)	2 (6,3%)
Lavar roupa	Mulheres (RT)	127 (59,6%)	20 (9,4%)	61 (28,6%)	5 (2,3%)
	Homens (RT)	64 (47,4%)	13 (9,6%)	43 (31,9%)	15 (11,1%)
	Mulheres (NRT)	35 (46,7%)	6 (8%)	26 (34,7%)	8 (10,7%)
	Homens (NRT)	13 (40,6%)	5 (15,6%)	9 (28,1%)	5 (15,6%)
Passar roupa	Mulheres (RT)	43 (20,2%)	34 (16%)	53 (24,9%)	83 (39%)
	Homens (RT)	23 (17%)	15 (11,1%)	44 (32,6%)	53 (39,3%)
	Mulheres (NRT)	19 (25,3%)	9 (12%)	23 (30,7%)	24 (32%)
	Homens (NRT)	5 (15,6%)	5 (15,6%)	11 (34,4%)	11 (34,4%)

Elaboração das autoras.

Notas: ¹ RT refere-se a trabalho remoto.

² NRT refere-se a não trabalho remoto.

Obs.: Somente respondentes que declararam realizar apenas as atividades de RT e ou de NRT foram considerados.

Embora exista um padrão claro na comparação entre homens e mulheres e entre o trabalho remoto ou não no caso do trabalho doméstico, o padrão é menos claro quando se trata do trabalho de cuidado. É importante mencionar que apenas uma parcela (189 ou 41,5%) dos respondentes declarou realizar trabalho de cuidados, o que reduz o tamanho da amostra. As percentagens para cada sexo e tipo de trabalho são semelhantes, pois 117 (40,6%) mulheres, 72 (43,1%) homens, 149 (42,8%) pessoas que faziam trabalho remoto e 40 (37,4%) pessoas que não estavam no trabalho remoto declararam realizar pelo menos um tipo de atividade de cuidado.

No que concerne às atividades relacionadas aos cuidados das crianças (supervisionar os deveres de casa e as aulas *on-line*, ou brincar com elas), estas foram realizadas por 153 (33,6%) respondentes. Entre os que realizavam cada tipo de atividade, 97 (63,4% de um total de 153) relataram aumento no tempo dedicado ao cuidado infantil, 67 (55,4% de um total de 121) declararam dedicar mais tempo a ajudar crianças com seus deveres de casa e 83 (59,7% de um total de 139) relataram aumento no tempo gasto brincando com seus filhos, conforme a tabela 3. Em todos os casos, os sob trabalho remoto relataram um aumento com mais frequência do que aqueles não envolvidos com trabalho remoto. No entanto, em cada grupo não existe um padrão claro em termos de gênero, pois em alguns casos as mulheres relataram com mais frequência que despendem mais tempo na atividade que os homens; em outros casos, essas afirmações tiveram menos frequência. Consequentemente, a porcentagem de homens e mulheres que declararam aumento nessas atividades é, em geral, muito semelhante.

O aumento no tempo dedicado ao cuidado com idosos e enfermos foi relatado por 43 (39,8%) dos 108 que realizavam a atividade. Como exceção ao padrão anterior, o aumento foi consideravelmente mais expressivo para aqueles que não faziam trabalho remoto (51,9%) do que para aqueles que faziam (35,8%). Em termos de gênero, o aumento do tempo dedicado ao cuidado do idoso foi um pouco mais frequente para os homens que para as mulheres que faziam trabalho remoto (39,4% e 33,3%, respectivamente), enquanto o contrário se aplica à comparação entre homens e mulheres que não estavam no trabalho remoto (42,9% e 55,0%, respectivamente); em ambos os casos, no entanto, essa comparação deve levar em consideração o pequeno número de respondentes que estavam envolvidos com essa atividade. Também, nesse caso, se desconsiderada a categoria de trabalho, são semelhantes os percentuais de mulheres e homens que declararam aumento do tempo dedicado a essa atividade (39,7% e 40,0%, respectivamente).

TABELA 3

Respostas à pergunta “Sobre a *quantidade* de tempo empregado em cuidados, em comparação ao período pré-isolamento social” – por atividade

Atividade	Respondentes	Mudança no tempo gasto com atividade		
		Aumentou	Diminuiu	Não mudou
Cuidar de filha(o/os)	Mulheres (RT)	50 (70,4%)	0 (0%)	21 (29,6%)
	Homens (RT)	32 (60,4%)	2 (3,8%)	19 (35,8%)
	Mulheres (NRT)	7 (38,9%)	0 (0%)	11 (61,1%)
	Homens (NRT)	8 (72,7%)	1 (9,1%)	2 (18,2%)

(Continua)

(Continuação)

Atividade	Respondentes	Mudança no tempo gasto com atividade		
		Aumentou	Diminuiu	Não mudou
Auxiliar filha(o/os) nas tarefas de escola	Mulheres (RT)	32 (58,2%)	2 (3,6%)	21 (38,2%)
	Homens (RT)	25 (54,3%)	1 (2,2%)	20 (43,5%)
	Mulheres (NRT)	5 (38,5%)	0 (0%)	8 (61,5%)
	Homens (NRT)	5 (71,4%)	0 (0%)	2 (28,6%)
Entreter/brincar com filha(o/os)	Mulheres (RT)	39 (60,9%)	1 (1,6%)	24 (37,5%)
	Homens (RT)	31 (60,8%)	3 (5,9%)	17 (33,3%)
	Mulheres (NRT)	8 (57,1%)	0 (0%)	6 (42,9%)
	Homens (NRT)	5 (50%)	2 (20%)	3 (30%)
Cuidar de idosa(o/os) ou doentes	Mulheres (RT)	16 (33,3%)	6 (12,5%)	26 (54,2%)
	Homens (RT)	13 (39,4%)	2 (6,1%)	18 (54,5%)
	Mulheres (NRT)	11 (55%)	1 (5%)	8 (40%)
	Homens (NRT)	3 (42,9%)	1 (14,3%)	3 (42,9%)

Elaboração das autoras.

Obs.: Somente respondentes que declararam realizar apenas as atividades de RT e ou de NRT foram considerados.

3.2 Trabalho remoto e divisão sexual do trabalho doméstico e de cuidados

A análise anterior sugere que a pandemia e o isolamento social levaram a um aumento mais frequente de trabalho doméstico para as mulheres e aqueles que fizeram trabalho remoto – em relação aos trabalhos de cuidado, principalmente cuidado de idosos, as comparações são menos claras. Entretanto, a percepção de aumento relatada pelos participantes é apenas a primeira informação para identificar como homens e mulheres foram impactados. Cabe, então, investigar se a elevação do trabalho doméstico e de cuidados foi acompanhada por mudanças na divisão dessas atividades. Uma vez que as mulheres tendem a ser as principais responsáveis por essas atividades, sem uma mudança na divisão das atividades, é possível que tenham sido desproporcionalmente afetadas pelo aumento dessas atividades.

Com o intuito de analisar como o trabalho doméstico e de cuidados é dividido entre parceiros dentro do domicílio, foram selecionados apenas entrevistados heterossexuais que moram com seus parceiros. Essa subamostra é igual a 230 respondentes para trabalho doméstico e 100 respondentes para trabalho de cuidado.

No geral, a divisão do trabalho doméstico (tabela 4) e de cuidados (tabela 5) não mudou consideravelmente durante a pandemia. Se apenas as diferenças de gênero forem consideradas, um padrão semelhante, antes e depois do início da pandemia, é verificado. Houve aumento de 64 para 67 mulheres (48,5% e 50,8%, respectivamente) que declararam fazer sozinhas ou fazer mais trabalhos domésticos que outras pessoas na mesma residência, enquanto esses números são iguais a 13 e 17 para os homens (13,3% e 17,3%, respectivamente). Tanto para homens como para mulheres, verifica-se aumento da percentagem de respondentes que afirmaram que o trabalho doméstico é dividido igualmente, mas no caso das mulheres isso se

deveu principalmente a uma diminuição da percentagem de que declararam não fazer trabalho doméstico; no caso dos homens, deveu-se tanto à diminuição do percentual que declarou não fazer trabalho doméstico, quanto daqueles que afirmaram que outra pessoa faz mais que eles. No caso do trabalho de cuidado, o número de mulheres que relatou fazer sozinha ou fazer mais trabalho de cuidado que os outros aumentou de 25 para 27 (47,2% e 50,9%, respectivamente), enquanto para os homens esses números permaneceram marginais, aumentando de 1 para 4 (2,1% e 8,5%, respectivamente). Portanto, levando-se em consideração tanto as atividades domésticas quanto as de cuidado, o padrão anterior de divisão sexual do trabalho não parece ter sido alterado pela pandemia, e esse padrão pode ser caracterizado por divisão desigual das atividades domésticas e de cuidado, com sobrecarga dessas atividades sobre as mulheres.

TABELA 4

Respostas à pergunta “Sobre a realização do trabalho doméstico” – antes e durante o isolamento social

Sexo	Período	Respostas					Total
		Faço sozinha(o)	Faço mais que os outros	Dividido igualmente entre as pessoas da casa	Outra pessoa da casa faz mais que os demais	Não realizo	
Mulheres	Antes	13 (9,8%)	51 (38,6%)	41 (31,1%)	14 (10,6%)	13 (9,8%)	132 (100%)
	Durante	9 (6,8%)	58 (43,9%)	53 (40,2%)	11 (8,3%)	1 (0,8%)	132 (100%)
Homens	Antes	7 (7,1%)	6 (6,1%)	36 (36,7%)	39 (39,8%)	10 (10,2%)	98 (100%)
	Durante	5 (5,1%)	12 (12,2%)	50 (51%)	28 (28,6%)	3 (3,1%)	98 (100%)

Elaboração das autoras.

TABELA 5

Respostas à pergunta “Sobre o cuidado com filha(os)” – antes e durante o isolamento

Sexo	Período	Respostas					Total
		Faço sozinha(o)	Faço mais que os outros	Dividido igualmente entre as pessoas da casa	Outra pessoa da casa faz mais que os demais	Outra pessoa da casa faz sozinha	
Mulheres	Antes	5 (9,4%)	20 (37,7%)	25 (47,2%)	2 (3,8%)	1 (1,9%)	53 (100%)
	Durante	6 (11,3%)	21 (39,6%)	23 (43,4%)	3 (5,7%)	0 (0%)	53 (100%)
Homens	Antes	0 (0%)	1 (2,1%)	27 (57,4%)	19 (40,4%)	0 (0%)	47 (100%)
	0 (0%)	47 (100%)	4 (8,5%)	27 (57,4%)	16 (34%)		

Elaboração das autoras.

Ainda que em contexto de manutenção dessa estrutura desigual de divisão de trabalhos domésticos e cuidado, foi possível verificar mudanças pontuais entre aqueles que realizam trabalho remoto. Conforme reportado na tabela 6, houve melhoria na divisão desse tipo de trabalho no agregado familiar tanto para homens como para mulheres, que declararam fazer trabalho a distância e cujo companheiro também trabalhava a distância. Comparando o período antes e durante a pandemia apenas para casais de trabalhadores remotos, houve aumento no número de entrevistados de ambos os sexos que declararam dividir igualmente o trabalho doméstico com outras pessoas e redução do número de homens que afirmaram que

outra pessoa fazia mais trabalho de cuidado que eles. Houve também elevação no número de homens que fizeram trabalho remoto e declararam fazer mais trabalho doméstico que outros quando a parceira não fazia trabalho remoto. Mais uma vez, no que diz respeito ao trabalho de cuidados (dados não reportados), não identificamos mudanças significativas na forma como esse tipo de trabalho foi dividido.

TABELA 6

Respostas à pergunta “Sobre a realização do trabalho doméstico” – antes e durante o isolamento social

Grupo	Parceira(o)	Período	Respostas				
			Faço sozinha (o)	Faço mais que os outros	Dividido igualmente entre as pessoas da casa	Outra pessoa da casa faz mais que os demais	Não realizo
Mulheres (RT)	RT	Antes	6 (8%)	31 (41,3%)	25 (33,3%)	4 (5,3%)	9 (12%)
		Durante	2 (2,7%)	33 (44%)	35 (46,7%)	5 (6,7%)	0 (0%)
	NRT	Antes	1 (4,3%)	11 (47,8%)	7 (30,4%)	4 (17,4%)	0 (0%)
		Durante	2 (8,7%)	11 (47,8%)	8 (34,8%)	2 (8,7%)	0 (0%)
Mulheres (NRT)	RT	Antes	1 (6,3%)	5 (31,3%)	5 (31,3%)	3 (18,8%)	2 (12,5%)
		Durante	0 (0%)	7 (43,8%)	6 (37,5%)	3 (18,8%)	0 (0%)
	NRT	Antes	5 (27,8%)	4 (22,2%)	4 (22,2%)	3 (16,7%)	2 (11,1%)
		Durante	5 (27,8%)	7 (38,9%)	4 (22,2%)	1 (5,6%)	1 (5,6%)
Homens (RT)	RT	Antes	0 (0%)	5 (9,3%)	23 (42,6%)	22 (40,7%)	4 (7,4%)
		Durante	1 (1,9%)	4 (7,4%)	34 (63%)	15 (27,8%)	0 (0%)
	NRT	Antes	4 (13,3%)	0 (0%)	8 (26,7%)	13 (43,3%)	5 (16,7%)
		Durante	1 (3,3%)	7 (23,3%)	9 (30%)	10 (33,3%)	3 (10%)
Homens (NRT)	RT	Antes	0 (0%)	0 (0%)	1 (50%)	1 (50%)	0 (0%)
		Durante	0 (0%)	0 (0%)	1 (50%)	1 (50%)	0 (0%)
	NRT	Antes	3 (25%)	1 (8,3%)	4 (33,3%)	3 (25%)	1 (8,3%)
		Durante	3 (25%)	1 (8,3%)	6 (50%)	2 (16,7%)	0 (0%)

Elaboração das autoras.

Obs.: Somente respondentes que declararam realizar apenas as atividades de RT e ou de NRT foram considerados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As respostas ao questionário permitem mensurar o aumento do trabalho doméstico e de cuidados e como este afeta, em particular, as mulheres e as pessoas sob trabalho remoto, bem como a forma como esse trabalho extra foi dividido entre homens e mulheres. Ao diferenciar os trabalhadores que realizaram trabalho remoto daqueles que não fizeram esse tipo de trabalho, com o segundo grupo atuando como um grupo de controle, o questionário diferencia o aumento do trabalho doméstico e de cuidados ocasionado pela pandemia – em função do fechamento de inúmeros serviços de apoio a esses trabalhos – da maior incidência destes devido às particularidades do trabalho remoto.

Em primeiro lugar, no que diz respeito ao trabalho doméstico, dois padrões claros surgem com a pandemia: enquanto o trabalho doméstico aumentou com mais frequência para as mulheres, sua maior incidência também foi mais relevante para aqueles (homens e mulheres) que faziam trabalho remoto. O primeiro aspecto reflete a divisão sexual do trabalho anterior, na qual as mulheres são as maiores responsáveis por essa atividade. O segundo sugere que o trabalho remoto aumenta o tempo gasto no trabalho doméstico, sendo particularmente importante nas atividades de alimentação, limpeza doméstica e lavanderia. Além de serem atividades afetadas pelo distanciamento social, estas também são tarefas que aumentam quando trabalhadores passam a exercer trabalho remoto.

Em segundo lugar, observou-se um cenário mais diverso no que diz respeito ao trabalho de cuidados. Assim como no caso do trabalho doméstico, o aumento do tempo dedicado a essas atividades foi mais expressivo para quem fazia trabalho remoto que os demais. A única exceção a esse padrão foram os cuidados com idosos ou doentes, que aumentaram mais para aqueles que não faziam trabalho remoto. No entanto, em termos de gênero, as diferenças em como o trabalho remoto afetava o trabalho de cuidado foram menos claras e, em geral, porcentagem semelhante de cada sexo declarou que dedicou mais tempo ao trabalho de cuidado. Isso sugere que a pandemia teve impacto mais homogêneo entre grupos de indivíduos que já estavam envolvidos com o trabalho de cuidado antes da pandemia.

Por fim, as informações sobre a divisão do trabalho de casais heterossexuais fornecem considerações adicionais. Enquanto um número significativo de homens e mulheres declarou ter tido de realizar suas atividades domésticas e de cuidado com maior frequência, isso não foi acompanhado por melhoria geral na divisão sexual do trabalho. Se as mulheres já estavam em situação em que assumem mais responsabilidade por essas tarefas e essa situação se mantém inalterada, o aumento dessas atividades em função da pandemia e do trabalho remoto revela que as mulheres arcaram com parcela maior desse aumento. Assim, essa situação reforça as desigualdades já existentes entre homens e mulheres. Em especial, ao trazer carga ainda maior de trabalho domésticos e de cuidados, o trabalho remoto pode acentuar ainda mais essas desigualdades.

No entanto, a análise indica algumas melhorias na divisão do trabalho doméstico associado ao trabalho remoto. É possível que isso se deva aos homens em trabalho remoto estarem mais disponíveis para participar nessas atividades – por passarem mais tempo no ambiente doméstico. Essa observação sugere dois possíveis efeitos do trabalho remoto. Em primeiro lugar, para aqueles que observaram melhoria na forma como o trabalho doméstico é dividido, o aumento do trabalho doméstico foi, pelo menos parcialmente, contrabalançado por elevação na participação dos homens. Em segundo lugar, na ausência de melhora na divisão do trabalho doméstico, que ainda é parte relevante dessa subamostra, o aumento mais expressivo do trabalho doméstico associado ao trabalho remoto significou elevação ainda mais significativa do trabalho não remunerado para as mulheres. Como não houve uma mudança clara na forma como o trabalho de cuidado foi dividido, seu aumento também tende a piorar a situação das mulheres, pois elas tendem a ser as principais responsáveis por essa atividade.

Em suma, ainda que a pandemia tenha acarretado aumento do trabalho doméstico e de cuidados de modo geral, o trabalho remoto esteve associado a um aumento ainda maior destes. Em ambos os casos, esses aumentos foram mediados pela divisão sexual do trabalho existente, o que levou a diferenças relevantes entre os sexos e acentuou desigualdades já existentes.

REFERÊNCIAS

ALLOATTI, M. Una discusión sobre la técnica de bola de nieve a partir de la experiencia de investigación en migraciones internacionales. *In: ENCUENTRO LATINOAMERICANO DE METODOLOGÍA DE LAS CIENCIAS SOCIALES*, 4., 2014, La Plata, Argentina. *Anales...*, 27-29 agosto 2014.

BALTAR, C. T.; ROLIM, L. N.; LEONE, E. T. The effects of the Brazilian recession on wage inequality between men and women. **RBEST: Revista Brasileira de Economia Social e do Trabalho**, Campinas, v. 2, p.1-21, 2020.

CEPAL – COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE **América Latina y el Caribe ante la pandemia del covid-19: efectos económicos y sociales**. Santiago de Chile: Cepal, 2020. (Informe Especial Covid-19, n. 1). Disponível em: <<https://bit.ly/3gzeHWJ>>.

FARES, L. S.; OLIVEIRA, A. L. M.; ROLIM, L. N. Working, caring, surviving: the gender dynamics of remote work in Brazil under covid-19. *In: WHEATLEY, D.; HARDILL, I.; BUGLASS, S. (Org.). Handbook of research on remote work and worker well-being in the post-covid-19 era*. Hershey: IGI Global, 2021. p. 18-31.

FOLBRE, N. Measuring care: gender, empowerment, and the care economy. **Journal of Human Development**. v. 7, n. 2, p. 183-199, July 2006.

GIBB, L. S. F. **A tendência de despadroneamento da jornada de trabalho: configuração no Brasil e impacto nas mulheres**. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

HUWS, U. *et al.* **Teleworking and gender**. Brighton: Institute for Employment Studies/Sussex University, 1996. (Report 317).

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Outras formas de trabalho: 2019 – PNAD Contínua**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <<https://is.gd/kTjX8z>>. Acesso em: 5 out. 2021.

ILO – INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. **Teleworking during the covid-19 pandemic and beyond: a practical guide**. Geneva: ILO, 2020. Disponível em: <<https://tinyurl.com/czhspc7e>>.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Trabalho e renda. **Políticas Sociais: Acompanhamento e Análise**, Brasília, n. 28, p. 253-298, 2021. Disponível em: <<https://is.gd/Zki7tm>>.

LYTTELTON, T.; ZANG, E.; MUSICK, K. **Gender differences in telecommuting and implications for inequality at home and work**. 9 July, 2020. No prelo. Disponível em: <<https://is.gd/JPZtHA>>. Acesso em: 1º fev. 2021.

MANZO, L. K. C.; MINELLO, A. Mothers, childcare duties, and remote working under covid-19 lockdown in Italy: cultivating communities of care. **Dialogues in Human Geography**, v. 10, n. 2, p. 120–123, 2020. Disponível em: <<https://is.gd/4Ay2To>>.

NASH, M.; CHURCHILL, B. Caring during covid-19: a gendered analysis of Australian university responses to managing remote working and caring responsibilities. **Gender, Work & Organization**, v. 27, n. 5, p. 833-846, Sept. 2020.

OLIVEIRA, A. L. M. **Regulação estatal das relações de trabalho no capitalismo contemporâneo: uma crítica ao discurso da flexibilização e desregulamentação**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

OLIVEIRA, A. L. M.; EMÍDIO, A. P. “**The great equalizer**”? The long-lasting effects of the covid-19 pandemic on poverty and inequality in Latin America. 2021. No prelo.

RAIŠIENĖ, A. G. *et al.* Working from home: who is happy? A survey of lithuania’s employees during the covid-19 quarantine period. **Sustainability**, v. 12, n. 13, p. 1-21, July, 2020.

VAN ECK, D.; JAMMAERS, E. Chronicles of conflicting care in confinement: Documenting the work experiences of seven ‘patient zeros’. **Gender Work Organization**, v. 28, n. 2, p. 735-748, Mar. 2020.